

Todos na escola, mas aprendendo

Esther Grossi

No coração da crise nas universidades públicas brasileiras, que está inserida numa crise muito mais ampla, que é a da pouca aprendizagem em todos os níveis de escolaridade, é importante uma análise profunda, séria e não eleitoreira sobre o assunto, porque a ausência de saber ameaça qualquer democracia.

A força material e física, as disponibilidades econômicas e o conhecimento são as três modalidades primárias de poder. Cada vez que uma delas não é bem distribuída, vivemos as infelicidades da instabilidade política que tem como conseqüências imediatas a insegurança e a violência. Além do mais, internacionalmente se constata a correlação positiva entre educação e distribuição de renda. Para um crescimento econômico com o viés neoliberal, a educação de toda a população não conta. E é por isso que a política brasileira não tem a ousadia de universalizar, mais do que o acesso, o sucesso a todos, crianças desde antes dos 6 anos,

aos brasileiros entre 7 e 14 anos no ensino fundamental, brasileiros entre 15 e 17 anos no ensino médio, bem como aos que querem ir às universidades ou aos que querem estudar como adultos ou que não tiveram chance de fazê-lo em idade própria. É por isso que urge um enfrentamento realista, lúcido e responsável do problema educacional no Brasil. Trinta e sete milhões de analfabetos funcionais adultos, dos quais dezenove milhões são analfabetos absolutos, doze anos para percorrermos as oito séries do ensino fundamental para mais de trinta milhões de alunos incentivam, em primeiro lugar, que modifiquemos imediatamente a meta tão surrada de toda criança na escola por todos na escola, mas aprendendo.

Só o acesso à escola é insuficiente. Por incrível que pareça, pode até ser negativo. Imaginem os milhares de crianças e adolescentes que passam anos na escola sem nela ascender aos conhecimentos que a escola tem como objetivo

produzir, dela saem destruídos psicologicamente como tão bem assinalou Ionesco em sua peça *A Lição*, que faz mais de cinquenta anos está ininterruptamente em cartaz no coração do Quartier Latin, em Paris. Ionesco metaforiza comicamente a ação assassina de um professor que mata trinta alunos por dia. Mata na sua auto-estima, na sua consciência de autor de idéias e de soluções, isto é, na sua condição de ser capaz de aprender. A capacidade de aprender está, hoje, fartamente comprovada para todos, inclusive para portadores de comprometimentos orgânicos, para os que não estudaram na idade própria, como mil mulheres em Porto Alegre que, entre 16 e 86 anos, conseguiram ler e escrever um texto no curto espaço de três meses.

Sobretudo essa capacidade de aprender é prerrogativa e real possibilidade para os professores que só ensinam se aprendem. Professores que alfabetizaram as mil mulheres em Porto Alegre porque es-

tudaram muito, porque não foram repetidores de métodos convencionais, irão ao Cabo Verde ministrar curso de uma semana para oitocentos colegas desse país, entre 15 e 22 de julho corrente. Trata-se do reconhecimento pela garra de profissionais de educação que abraçam a convicção de que todos aprendem e que concretizam esse achado científico, no nosso meio, para uma população já completamente desesperançada de suas chances de ascender à magia da junção das letras para formar as palavras, as frases e os textos.

Escrever é, sobretudo, pensar mais amplamente. A fala ampliada e enriquecida pela escrita é hoje o patamar de entrada à cidadania. Por essa razão merecem especial homenagem os professores que alfabetizaram, em projeto inédito, aquelas mil mulheres e que fizeram realidade para elas a afirmativa — todos na escola, mas aprendendo.

■ Esther Grossi, doutora em Psicologia da Inteligência, é deputada pelo PT do Rio Grande do Sul